



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

A Direita Radical ‘em Movimento’ em tempos de crise

O caso italiano

Manuela Caiani

Como citar: CAIANI, M. A Direita Radical ‘em Movimento’ em tempos de crise: O caso italiano. *In:* BARBOSA, J. R.; HERNÁNDEZ, O. A. P. (org.). **Extremismos políticos e direitas: Bolsonaro, Trump e a crise das “democracias”**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 15-34. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-227-7.p15-34>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

CAPÍTULO 1

A DIREITA RADICAL ‘EM MOVIMENTO’ EM TEMPOS DE CRISE: O CASO ITALIANO¹

*Manuela CAIANI*²

1. INTRODUÇÃO

As eleições gerais de 2018 na Itália viram o surgimento do que foi chamado de primeiro governo populista da Europa (GARZIA, 2019). Dada a ausência de maioria parlamentar após as eleições, uma aliança entre M5S e Lega levou ao chamado Governo da Mudança. A nova configuração do governo de coalizão poderia ser considerada parte de um realinhamento mais amplo que ocorre no sistema partidário italiano pós-2008, com as

¹ Tradução de Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos, Professor Associado Livre-Docente da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP.

² Dr^a Manuela Caiani é Professora Associada em Ciência Política na Scuola Normale Superiore de Pisa/Florença e Research Fellow no Institute for Advanced Studies (IHS) em Viena. Professora titular em Ciência Política e em Sociologia Política. Desde 2019 ela é Coordenadora do Grupo Permanente ‘Participação Política e Movimento Social’, Associação Italiana de Ciência Política (SISP). Os seus interesses de investigação centram-se em: populismo (esquerda e direita); movimentos sociais e mobilização de extrema direita (offline e online); movimentos sociais e Europa/europeização; transnacionalização da ação coletiva e das redes; métodos qualitativos de pesquisa social (grupos focais; entrevistas; análise de enquadramento). Sobre sua produção e pesquisas: <https://www.ihs.ac.at/people/manuela-caiani/>. Acesso em: 14 fev. 2022. <https://orcid.org/0000-0003-4849-4604>.

<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-227-7.p15-34>

eleições gerais de 2013 constituindo um ponto de virada. Mesmo que eles se separassem após o verão de 2019, a experiência de governo de Lega sob a liderança de Salvini fez do partido o líder indiscutível da direita na Itália.

Neste capítulo, reconstruímos a história da direita radical italiana desde a década de 1990 até sua forma populista atual, considerando os elementos da estrutura de oportunidades políticas pós-2008 que facilitaram seu crescimento e fornecem o contexto para seu crescimento em maior relevância no sistema partidário em sua forma populista atual. Além disso, este capítulo examinará a relação da direita radical com o populismo em partidos como Lega e sua experiência no poder. Como será visto, ao longo deste capítulo a direita radical italiana é uma galáxia heterogênea de atores envolvendo uma pluralidade de agentes, do institucional ao não institucional, do offline ao online. No que resta desta introdução, descreveremos os conceitos norteadores empregados ao longo da visão geral empírica.

A DIREITA RADICAL COMO UM MOVIMENTO SOCIAL

Embora os termos “extrema direita” e “direita radical populista” sejam frequentemente usados na literatura para se referir ao mesmo objeto empírico, neste capítulo usamos “direita radical” para se referir aos grupos que exibem em seu núcleo ideológico comum as características do nacionalismo, da xenofobia (xenofobia etnonacionalista), das críticas antiestablishment e do autoritarismo sociocultural (lei e ordem, valores familiares) (MUDDE, 2007). O termo extrema-direita inclui grupos muito além dos limites legais da política democrática (por exemplo, ações diretas violentas ou mesmo ataques terroristas). Por isso, preferimos usar o rótulo “direita radical” para descrever os partidos que estão localizados em direção a um polo na escala padrão ideológica esquerda-direita. Tentativas acadêmicas recentes de definir a (nova) direita radical tentam mudar a atenção do “velho” fascismo para o “novo populismo”. Se a “velha” direita radical fosse identificada com o ultranacionalismo, os mitos da decadência e do renascimento, teorias conspiratórias e posturas antidemocráticas (EATWELL, 2003), então os atuais “partidos radicais de direita” (MUDDE, 2007) combinariam críticas populistas antiestablishment com nacionalismo etnocultural (nativismo),

xenofobia e autoritarismo sociocultural (lei e ordem, valores familiares) (LOCH; NOROCEL, 2015; MUDDE 2007, 2021; RYDGREN 2007). O populismo e o nacionalismo etnocultural excludente são cada vez mais indicados entre os estudiosos como distintivos partidos populistas radicais de direita em relação aos partidos do mainstream (RYDGREN, 2006).

No entanto, para compreender e caracterizar plenamente o realinhamento contínuo da paisagem italiana, precisamos olhar além da política institucional. Isso implica numa análise não só dos partidos emergentes, mas também de grupos radicais populares de direita e de movimentos sociais sem uma clara ligação com a política institucional (CAIANI et al., 2012). Na última década, vários grupos, como o CasaPound, não só se tornaram proeminentes como estabeleceram laços com vários partidos políticos. Em relação a isto, pesquisas recentes sobre a direita radical tentaram diminuir a distância entre abordagens disciplinares que tendem a se concentrar tanto nos partidos políticos quanto nos atores da sociedade civil/do movimento social. A adoção e a adaptação do conceito de movimento-partido para caracterizar esses grupos e vincular os dois espaços melhora nossa compreensão da dinâmica política atual (CAIANI; CISAR, 2018; CASTELLI GATTINARA; PIRRO, 2018a, 2018b). Esses grupos devem ser considerados não apenas por causa de sua configuração/hibridização movimento-partido (CASTELLI GATTINARA; PIRRO, 2018b), mas também pela importância desses atores em trazer e enquadrar questões que não só refletem um contexto particular (por exemplo, crise de migrantes/refugiados), mas também influenciam os discursos na esfera pública que atinge um público mais amplo. De fato, a direita radical na Itália compreende um espaço heterogêneo e diversificado que inclui uma variedade de partidos políticos, movimentos sociais e grupos subculturais (contraculturais e antissistêmicos) e nos últimos anos situa-se entre a política eleitoral e a política de protesto.

2. A DIREITA RADICAL NA ITÁLIA ANTES DA CRISE ECONÔMICA

Como foi observado, a direita radical não é uma “família” homogênea em qualquer país europeu, e isso é ainda mais verdadeiro na Itália, quando a “galáxia da direita radical é extremamente fragmentada e inclui vários

tipos diferentes de grupos de atores institucionais, não institucionais e subculturais (CAIANI; PARENTI, 2013). Além de vários partidos políticos, sua rede de movimentos inclui associações “culturais”, grupos revisionistas e “negacionistas”, mas também bandas de música e ultras do futebol. Essa variedade de rótulos, partidos políticos, grupos e movimentos existe, muitas vezes caracterizados pelo contato escasso entre eles e divididos por batalhas ideológicas de longa data (CALDIRON, 2001).

Na década de 1990, à medida que os partidos tradicionais desaparecem, a direita pós-1994 passa a ser dominada pelo magnata da mídia da Forza Italia Silvio Berlusconi pelos próximos 15 anos (PASQUINO, 2019). Com essa mudança, a Itália foi o primeiro país europeu nos últimos 50 anos em que a direita radical alcançou pleno reconhecimento político e institucional, com presença estável nos governos de centro-direita após 1994 (CALDIRON, 2001, p.15). Pode-se dizer que na década de 1990 a direita radical italiana tinha duas almas. Por um lado, os herdeiros do *Movimento Social Italiano* (MSI) - o partido neofascista do pós-guerra - eram fortes defensores do “nacionalismo Estado-nação, políticas de lei e ordem e fortes valores familiares” (RUZZA, 2018, p. 506). Estes foram (1) a Aliança Nacional mais “moderada” (AN) e (2) *Movimento Sociale-Fiamma Tricolore* (fundado em 1995 por alguns ex-membros da AN que se recusaram a seguir o caminho de moderação e distanciamento do passado fascista). Por outro lado, os partidos etnonacionalistas como o Lega Nord, que defendem um programa independentista e autonomista que se opunha ao “nação-Estado-nacionalismo, considerando o processo histórico de unificação italiana fundamentalmente malsucedido e equivocado” (RUZZA, 2008, p. 507). [BALDINI, 2001, p. 2]).

Quadro 1 - Resultados de forças de direita desde 1994

	1994	1996	2001	2006	2008	2013	2018
Forza Italia	21,01	20,57	29,43	23,72			14,43
Alleanza Nazionale	13,47	15,66	12,02	12,34			
Liga (Nord)	8,36	10,07	3,94	4,58	8,3	4,08	17,61
PdL					37,39	21,53	
FdI						1,95	4,26
Total	42,84	46,3	45,39	40,64	45,69	27,56	36,3

Nas eleições nacionais de 1994, a AN alcançou 13,5% dos votos e a LN 8,4%, formando, juntamente com a Forza Italia, a coalizão de direita de Silvio Berlusconi. Em 1996, tanto a AN quanto a LN confirmaram seu sucesso eleitoral, ganhando, respectivamente, 15,7% e 10,1% dos votos. Além disso, os neofascistas da MsFt obtiveram 0,9% (CARTER, 2005). Tanto a AN quanto a LN ocuparam importantes cargos ministeriais no governo Berlusconi após as eleições nacionais de 2001, entre elas o Ministério do Interior e o Ministério da Defesa.

Essa situação também significava que os grupos de direita radical extraparlamentares poderiam ser considerados como um aliado político potencialmente poderoso. Como um caso em questão, a direita radical não inclui apenas partidos políticos voltados para eleições e cargos públicos, mas também movimentos sociais ou “redes de redes” que visam mobilizar o apoio público, e um conglomerado de grupos subculturais e grupúsculos (CAIANI; PARENTI 2013; GATTINARA et al., 2018).

No que diz respeito à direita radical extraparlamentar durante este período, podemos citar a *Fronte Sociale Nazionale* (fundada em 1997, após uma divisão dentro do MSI-FT), *Forza Nuova* (originária da diáspora da MSI na transição para a AN), *Liberta' di Azione* (liderada pela neta de Benito Mussolini, Alessandra), e alguns grupos muito recentes como, por exemplo, a *Rinascita Nazionale*. Na categoria de grupos políticos, encontramos uma série de organizações juvenis, ligadas a partidos políticos e alguns jornais políticos. Ao lado desses partidos e movimentos políticos, temos a categoria de organizações nostálgicas, revisionistas e “negacionistas”. Estes são grupos que constantemente se referem aos 20 anos de governo fascista na Itália e na República de Saló e que são apologistas de Benito Mussolini.

Na Itália, a direita radical não é apenas altamente influente na política nacional, mas também é caracterizada por uma maior comunicação entre partidos políticos estabelecidos e movimentos populares e pequenos grupos contraculturais. Na Itália, de fato, os partidos de direita radicais populistas gozam de muito apoio eleitoral e acesso à esfera pública, ao mesmo tempo em que mantêm um canal privilegiado de comunicação com a arena do movimento social. Na Itália, o envolvimento na extrema direita vai desde

o ativismo nos vários grupos juvenis associados ao partido fascista italiano, o MSI, (como a ‘Azione Giovani’ e a ‘Azione Studentesca’) — que fazem referências explícitas ao passado fascista (CALDIRON, 2002, p.80) — até os centros sociais mais recentes (Di Tullio 2006). Uma ampla gama de organizações de extrema direita “jovens” e subculturais inclui grupos skinheads, hooligans politizados e grupos musicais, com numerosos contatos entre eles (CAIANI; WAGEMAN, 2007).

3. A GALÁXIA ONLINE DA DIREITA RADICAL

A comunidade virtual de extrema direita na Itália parece altamente fragmentada, e não está focada em algumas organizações centrais que são capazes de monopolizar o intercâmbio comunicativo dentro do setor. Trabalhos anteriores (CAIANI; PARENTI, 2013) revelam que apenas alguns partidos políticos (como, por exemplo, Movimento Sociale-Fiamma Tricolore e Forza Nuova) ocupam posições centrais na rede; a maioria está localizada em sua periferia (ver Fronte Sociale Nazionale, Azione Sociale e Rinascita Nazionale). Organizações político-partidárias e movimentos políticos emergem de forma dividida em diferentes aglomerados dentro da rede; eles não são considerados como os principais pontos de referência (parceiros) para contatos com as outras organizações de extrema direita italianas. Ao invés disso, o núcleo da rede é composto por organizações neofascistas/neonazistas e algumas organizações nostálgicas e revisionistas que têm destaque na rede. Em segundo lugar, a rede global da extrema direita italiana é caracterizada por uma corrente frouxa e uma “estrutura polifacetada” (CAIANI; WAGEMANN, 2009; DIANI, 2003, p. 309) - ou seja, ao mesmo tempo centralizada e segmentada. Embora a maioria das organizações participe ativamente de intercâmbios dentro da rede, muitas organizações da periferia não estão diretamente conectadas com as centrais. Portanto, muitos atores só podem se comunicar uns com os outros através de longos caminhos.

Embora nenhuma organização esteja completamente isolada da rede geral, vale a pena notar a posição marginal das organizações juvenis subculturais (por exemplo, os sites dos centros de invasores e dos grupos

musicais Casa Pound, Casa Montag, Lorien), que juntos formam um conjunto. Esses tipos de organizações permanecem periféricas e são integradas à rede apenas com um número muito baixo de vínculos. A impressão de uma rede segmentada é confirmada pelo grau médio, que é de 5,3, indicando que cada organização italiana tem, em média, cerca de cinco vínculos com outras organizações. Finalmente, a rede online da extrema direita italiana tem um nível moderado de centralização. O nível de segmentação em uma rede reflete o grau em que a comunicação entre atores é dificultada por barreiras. Isso pode refletir diferenças ideológicas entre vários atores ou pode ser devido a diferentes níveis de preocupação com uma determinada política (DIANI, 2003, p. 306).

Outra categoria da galáxia da direita radical italiana contém grupos neonazistas e sites. A principal diferença dos grupos neofascistas é que esses sites não se referiam à intervenção política contemporânea (CAIANI; PARENTI, 2013). Estes se referem à ideologia nacional-socialista alemã, ao Terceiro Reich e a Hitler. Além disso, é possível identificar uma ampla gama de sites “jovens” que incluem skinhead, hooligans e grupos musicais. Esses grupos consideram a música e o esporte como seus principais interesses, e seus locais foram caracterizados por símbolos fascistas ou nazistas ou por símbolos tirados da mitologia celta. Contatos entre skinheads e alguns grupos de hooligans de futebol foram frequentes (GNOSIS, 2006). Por fim, também existiam organizações que coletam e vendem souvenirs militares (por exemplo, uniformes) (“militaria”).

As principais questões dos sites revisionistas e “negacionistas” são o revisionismo histórico e a negação do holocausto; a proposta de reescrever a história e a documentação dos crimes do comunismo. Além disso, existem algumas organizações mais especificamente culturais que podem ser divididas entre associações tradicionais e Nova Era e grupos “neomísticos”. Acima de tudo, estes últimos são caracterizados por sua frequente referência à mitologia celta ou uma espécie de um novo espiritualismo que desafia a religião cristã oficial (CAIANI; KROEL, 2014).

4. MUDANÇAS PÓS-CRISE DA DIREITA RADICAL NA ITÁLIA

Uma grande mudança aconteceu no sistema partidário italiano após 2008. Paralelamente a outros países do sul da Europa à sombra da crise da Zona do Euro, décadas de corrupção, um governo tecnocrático apoiado pelos principais partidos no parlamento, e o fracasso dos partidos governantes em gerenciar a crise de várias crises (econômicas, de refugiados e de legitimidade democrática), novos partidos políticos que defendem uma retórica populista antiestablishment tornaram-se cada vez mais visíveis. Foi em 2013, nas eleições mais voláteis até agora na Itália, que a reação contra os partidos tradicionais e a transformação do sistema partidário começaram a ser mais claramente identificáveis, com um sistema partidário anteriormente bipolar se tornando tripolar (CHIARAMONTE et al., 2018; GARZIA, 2019; PASQUINO, 2019). Mesmo sem representação prévia no Parlamento italiano, o M5S entrou no parlamento obtendo 25,6% e competindo diretamente com as tradicionais coalizões de centro-direita e centro-esquerda. Este resultado levou a um parlamento suspenso sem maiorias claras. A legislatura se desdobrou com três governos diferentes liderados pelo PD (Letta, Renzi, Gentiloni) apoiados por outros partidos. Renzi, que era uma figura popular, promoveu reformas econômicas e políticas, mas mesmo assim perdeu o referendo constitucional em dezembro de 2016 e renunciou. Essa situação impulsionou a retórica antiestablishment dos partidos populistas e ajuda a explicar o resultado das eleições de 2018 (CHIARAMONTE et al., 2018).

As eleições de 2018 se repetiram e reforçaram as tendências de 2013. É importante notar que a centro-direita corre em uma coalizão unificada que “representava os quatro ‘espíritos’ da centro-direita italiana, como criado 25 anos antes por Berlusconi: a área pós-fascista agora representada por Fratelli d’Italia (FDI, Irmãos da Itália); o pós-cristão Democrata Noi con l’Italia-Unione di Centro (NCI-UDC, Nós com a Itália-União do Centro); o pró-mercado livre FI — o próprio partido de Berlusconi; e o Lega” (CHIARAMONTE et al., 2018).

Como em 2013, as eleições resultaram novamente em um parlamento suspenso que, apesar do crescente destaque de novos partidos, de alguma forma manteve os mesmos três polos a partir de 2013. No entanto, há uma grande mudança em relação aos partidos populistas com uma distinção

entre “velha política” e “nova política”: enquanto os principais partidos (PD e FI) perderam assentos, os dois partidos, com diferentes vertentes do populismo, o M5S e o Lega melhoraram seus resultados. Além disso, novos decotes parecem estar implícitos nos resultados: enquanto os resultados de Lega parecem ser alimentados pelo populismo cultural (nativismo, anti-imigrantes), os eleitores do M5S seguem um populismo político (anticorrupção, antiestablishment, democracia) (CORBETTA et al., 2018). Apesar das diferenças entre os dois partidos, após meses de negociações, houve um acordo sobre a formação de um governo de coalizão.

É importante notar que os resultados da direita não melhoraram em relação à década de 1990. A diferença é que há uma mudança no polo - a Lega sob Salvini torna-se proeminente. No entanto, os dados parecem sugerir que o realinhamento está longe de terminar e que Lega pode se tornar o ator hegemônico (CHIARAMONTE et al., 2018).

Pode-se argumentar que a transformação do polo de direita na Itália vai de liberal, sob Berlusconi, para “neofascista”. Essa virada é marcada pela crescente relevância dos grupos de base e da hegemonia do Lega em nível institucional (DE GIORGI; TRONCONI, 2018). Como dito anteriormente, a direita radical na Itália é um espaço heterogêneo e após a crise a crescente relevância de partidos políticos como FdL, Fratelli d’Italia e Lega, mas também pelo ativismo popular como CasaPound (CAIANI et al., 2012; GATTINARA et al., 2018).

Em 2007, uma nova federação de partidos políticos de direita (que incluíam Forza Italia e Aliança Nacional) - Povo da Liberdade (PDL) - foi criada com o objetivo de reforçar sua posição conjunta nas próximas eleições de 2008. No ano seguinte, esta federação se fundiu em um novo partido político, com todos os partidos se dissolvendo. No entanto, a Forza Italia foi refundada em 2013 e a PDL tornou-se novamente uma coalizão de centro-direita, enquanto os antigos membros da Aliança Nacional formaram um novo partido chamado *Fratelli d’Italia* com claras inclinações neofascistas. Até o fim do governo de Berlusconi (devido a escândalos de corrupção), esta coalizão de conservadores/fascistas à moda antiga e liberais governou o país por 20 anos (RUZZA, 2018).

Na última década, com a decadência de Berlusconi, a Lega tornou-se o líder do polo de direita. Curiosamente, não só a Lega não é só um novo partido, mas é também atualmente o partido mais antigo da Itália. Criado na década de 1980 como um partido regional que defende a independência da Padânia (norte da Itália), integrou os governos da Forza Italia de Berlusconi desde a década de 1990. De fato, durante esse período, mesmo defendendo uma posição etnonacionalista, convergiu com o ethos neoliberal da Forza Italia (RUZZA, 2018).

No entanto, o Lega não teve um caminho fácil após o estouro da crise de 2008. Em meio a um escândalo de corrupção, o partido desmorona nas eleições de 2013: a partir de 2008, quando seus resultados somaram 8,3% (60 cadeiras), eles enfrentam um declínio acentuado em 2013, onde tinham 4,09% (18 cadeiras). No entanto, Matteo Salvini, um membro de longa data do partido, tornou-se líder da Lega em 2013 e redefiniu a imagem do partido no cenário político italiano: em vez de um partido regionalista, o partido se concentra agora na Europa e na imigração à imagem da *Frente Nacional* na França e deixa de lado suas credenciais do norte para atingir todo o país. Isso poderia ser resumido como nacionalização e desterritorialização ao integrar influências “transnacionais” (CAIANI, 2018b).

Essa redefinição de sua imagem foi iniciada com a criação de um partido-irmão (Nós com Salvini – Noi con Salvini - NcS) no sul da Itália, para dar a ideia de que o “inimigo” do partido não era mais o sul. Além disso, em 2017 eles abandonaram a palavra norte de seu nome e Salvini iniciou uma campanha para se tornar primeiro-ministro, enquanto reforçava suas posições nativistas e de direita radical e de lei e de ordem.

Nas eleições gerais de 2018, depois de concorrer em uma coalizão com outros partidos de direita (FI, FdL, Nós com a Itália), eles se tornam o terceiro maior partido do Parlamento e o “líder” do polo de direita. A Lega se torna a principal força dentro da coalizão destronando a liderança de Berlusconi. Essa estratégia levou a um aumento na votação, com 17.4% e 125 as cadeiras no Parlamento. Desde as eleições, e assumindo o poder, a Lega tornou-se o principal partido nas pesquisas.

Mas a crise também levou a um ressurgimento e recriação da direita neofascista, como CasaPound e Forza Nuova, que mantêm conexões com a Lega e a FdL (DE GIORGI; TRONCONI, 2018; FROIO; GATTINARA, 2015; GATTINARA et al., 2018). Criada em 2003, mas que tem seu status oficial de “associação de promoção social” apenas em 2008, a CasaPound é um grupo político originário de partidos neofascistas pré-existentes (CAIANI; PARENTI 2013) e conecta atividades subculturais (como a música), com atividades populares e ações políticas. Assume-se como um movimento fascista (rejeitando rótulos de esquerda-direita) e se opõe ao neoliberalismo, com seu discurso sendo “amplamente inspirado pelas experiências da juventude do neofascismo dos anos 1970, atraindo tanto neofascistas nostálgicos quanto recrutas mais jovens”. (GATTINARA et al., 2018). É importante notar que suas atividades e discursos não são apenas culturais ou nativistas de natureza, mas, na verdade, seus membros afirmam que o grupo começou devido às más condições de moradia para os italianos (ver tabela 1 abaixo). Além disso, promovem uma posição antiliberal e anti-UE. Gattinara et al (2018) apontam que sua ideologia é uma espécie de fascismo à la carte que capta aspectos do fascismo que se encaixam no ambiente político atual, deixando de lado propostas que poderiam colocar em risco a legitimidade do grupo. Eles se situam entre o protesto e a política eleitoral (apesar do pouco sucesso neste último) se encaixando na definição de movimento-partido dado na introdução.

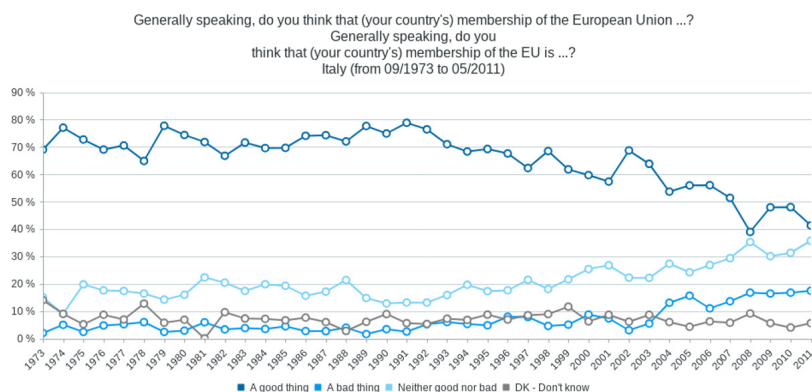
É importante notar que a CPI (CasaPound) muitas vezes se alia à Lega Nord: "A Lega Nord precisava da CasaPound e de sua rede de associações, clubes esportivos e salas de concerto para estender sua influência nas regiões do sul da Itália, enquanto a CasaPound se beneficiou da visibilidade nacional oferecida pela joint-venture com um partido anteriormente governante. Para a Lega Nord, isso significava abandonar suas posições secessionistas originais em favor de uma nova retórica nacionalista baseada no euroceticismo pleno. Para a CasaPound, em vez disso, essa aliança permitiu abordar temas que – até então – tinham sido abordados apenas marginalmente pelo grupo, mais notavelmente a questão da imigração" (FROIO; GATTINARA, 2015). Além disso, como Giorgi e Tronconi (2018) argumentam: "o ressurgimento da direita radical representa uma nova realidade e uma possível fonte de perigo, mas também de oportunidade, especialmente para a Liga e o FDI.

A importância (apenas em termos de cobertura da mídia por enquanto) de grupos políticos que até agora foram marginalizados sugere que há um crescente pool eleitoral no qual os principais partidos podem ser capazes de alcançar. No entanto, os novos concorrentes no cenário político podem afastar o consenso dos partidos de centro-direita ou restringir seu espaço para manobras. E tudo isso existe sem sequer considerar as questões sérias e preocupações que a legitimação desses grupos políticos deve levantar sobre o estado de saúde da democracia italiana".

VIRADA NATIVISTA E EUROPA

Desde 2008, a UE (União Europeia) desempenhou um papel cada vez mais significativo na política interna nos países do Sul da Europa. Três crises desempenham um papel importante nas oportunidades discursivas tomadas pelos partidos que agora dominam a política italiana: a zona do euro, a crise de migrantes/refugiados e a legitimidade democrática (GATTINARA, 2017). Além dessas crises sobrepostas que afetaram o país e estão ligadas à UE, no contexto da crise da Zona do Euro, o país tinha um governo tecnocrático implementando um programa diretamente ligado à UE.

Figura 1. Atitudes em relação à UE na Itália (1973-2011)³



Fonte: Eurobarômetro 1973-2011

³ Nota do tradutor: as perguntas e frases acima do gráfico são assim traduzidas na sequência: "Falando em termos gerais, você acha (que o pertencimento do seu país) à União Europeia..."; "Falando em termos gerais, você acha (que o pertencimento do seu país) à União Europeia é..."; Itália (de 09/1973 a 05/2011). Na ordem, as expressões abaixo do gráfico são assim traduzidas: "Uma coisa boa"; "Uma coisa ruim"; "Nem boa nem má"; "Eu não sei".

A Figura 1 mostra que, desde o início dos anos 2000, cada vez menos italianos consideram a adesão à UE uma coisa boa. Se até o início do século os valores de aprovação giravam em torno de 70%, no auge da crise em 2011 era de cerca de 40%. Este fato abre a estrutura discursiva de oportunidades para o surgimento de posições eurocéticas em nível nacional, uma questão que era consensual até muito recentemente.

Pirro e Kessel (2017) argumentam que atores populistas enquadram essas crises como uma forma de “expressar a dissidência contra a UE”. O discurso de Salvini é claramente soberano e nativista usando a expressão “Italianos primeiro”. Ele critica a Europa por “se constituir de burocratas e tecnocratas que trabalham contra os reais interesses do povo europeu” (PASQUINO, 2019). Nesse contexto, é importante mencionar que, no processo contínuo de realinhamento, dada a estrutura de oportunidades, o surgimento de tensões e conflitos “também pode ter consequências que vão além do contexto doméstico. Se os partidos eurocéticos continuarem a prevalecer, a relação entre a Itália e a UE sofrerá tensões crescentes e poderá até colocar em risco a própria existência da União na sua forma atual” (CHIARAMONTE et al., 2018).

Seguindo Bressanelli e de Candia (2019), pode-se argumentar que as posições tomadas na UE pela Lega refletem as estratégias e os eleitores em nível nacional, o que se traduz diretamente em sua política atual de alianças em nível europeu. Corbetta e colegas (2019), com base nos resultados eleitorais da Lega de 2018, mostram que a Lega explora o populismo cultural (nativismo) em suas alianças e críticas à UE fazendo alianças com partidos nativistas em toda a Europa.

Sob a liderança de Salvini, a Lega passou de um partido regionalista, que se concentra nos interesses do norte da Itália e exigindo independência para a chamada região da Padânia, para se tornar um partido nacional. Essa mudança de escala levou também a uma mudança e a uma transformação dos quadros e discursos do partido: a desnacionalização partidária criou um novo “inimigo”, já que o establishment é hoje considerado a UE que age contra os interesses dos italianos em vez de Roma. No entanto, não foi a crise que desencadeou a virada nativista e anti-Europa, pois sua posição

já estava mudando lentamente desde a década de 1990 de uma organização otimista em relação à UE para um perfil eurocético.

Na década de 1990, dadas as suas opiniões regionais, eles criticaram o “super-Estado antidemocrático” que agiu contra os interesses do povo europeu. No entanto, até a erupção da crise, o partido nunca pediu uma saída da UE ou da Zona do Euro, pois “nem a UE nem suas políticas foram consideradas diretamente responsáveis pela situação econômica do país” (PIRRO; KESSEL, 2017). A radicalização de seu discurso contra a UE vem após 2013 com a eleição de Salvini como líder do partido. A austeridade e as políticas europeias foram agora consideradas responsáveis pela crise em nível nacional e o partido pediu a saída da UE e da Zona do Euro. Pirro e Kessel sugerem que essa radicalização pode ser “lida através do contexto político interno” à medida que a lealdade da UE entre os eleitores declinou e abriu o caminho para que esses quadros se tornem proeminentes. Também é importante notar que, devido à sua filiação à coalizão de centro-direita, durante o período eleitoral de 2018, eles tiveram que restringir suas opiniões mais eurocéticas. No entanto, após as eleições e à medida que se tornam o principal partido da coalizão e integram o governo, tornaram-se menos contidos em suas críticas à UE e uso para fins eleitorais.

Em termos de sua filiação no Parlamento Europeu, até o surgimento da crise, a Lega Nord fez parte de vários grupos. Se inicialmente eram grupos pró-europeus, o partido lentamente integra os congêneres eurocéticos. Após as eleições europeias de 2009, o partido juntou-se à recém-criada “Europa da Liberdade e da Democracia” integrada por partidos como UKIP e The True Finns. Em 2015, o partido integra a Europa das Nações e da Liberdade, uma aliança de direita radical liderada por Le Pen e Wilders. Em consonância com isso, o manifesto eleitoral europeu da Lega ressaltou o papel de suas raízes cristãs, a defesa da identidade nacional, sublinhando a supremacia da constituição italiana sobre as diretivas europeias. Como consequência, este manifesto se posicionou fortemente contra as políticas de imigração, a integração da UE e a austeridade.

5. A DIREITA RADICAL POPULISTA NO GOVERNO

Como o Sul da Europa foi o mais atingido pela crise financeira e pela recessão de 2008, muitas pessoas viram os padrões de vida encolherem, os partidos centristas que governaram até então – e os eurocratas em Bruxelas com sua austeridade na prancheta – tornaram-se um alvo óbvio. Na Itália, décadas de corrupção, má gestão e o impacto da crise dos refugiados de 2015 resultaram no Movimento Cinco Estrelas antiestablishment, anti-impostos e antigastos, que tomou o poder no ano passado, em uma improvável coalizão com a extrema-direita e anti-imigração Lega. Mais especificamente, nas eleições gerais italianas de 2018, o outsider Movimento Cinco Estrelas melhorou seu desempenho desde as eleições nacionais de 2013 (das quais já recebeu uma forte legitimação política como o terceiro partido mais importante do país) obtendo 32% dos votos. Nas mesmas eleições, o partido radical de direita populista Lega (para mais detalhes ver Caiani, 2019) alcançou um inédito 17%. O M5S e o Lega, apesar das longas negociações, finalmente uniram forças para implementar uma agenda de governo compartilhada: um governo “totalmente populista” (PIRRO, 2018). Como tal, o atual governo italiano baseia-se em um frágil, estratégico, conveniente, mas também conflituoso compromisso entre duas formas de populismo.

Em termos de políticas de *imigração e integração*, o programa de coalizão, com o Ministro do Interior sob o comando de Salvini, mirou essa questão diretamente, com uma virada nativista. A ação do Lega sobre as políticas de imigração se estende entre *i.* ações e anúncios sensacionalistas pontuais (ou propaganda), e *ii.* decretos de securitização e criminalização que efetivamente reduzem os direitos dos migrantes. No primeiro encontramos episódios repetidos, como o fechamento de portos para barcos de refugiados ou anunciando um censo de pessoas decretado por Roma (o que não aconteceu); neste último encontramos decretos (como o chamado decreto de Salvini, no outono de 2018) que estreitam os direitos de asilo, impedem o resgate no mar e punem sobreviventes e socorristas. Em detalhes, o decreto levou a: (1) a restrição de “obter um visto humanitário para permanecer na Itália” se não estivesse relacionado com razões políticas ou guerra; (2) a limitação do acolhimento adequado

aos requerentes de asilo; (3) a duplicação do tempo que as pessoas podem ser detidas antes da deportação (90 a 180 dias); e (4) a expansão da lista de delitos pelos quais o status de refugiado pode ser revogado, permitindo a negação de pedidos de asilo (o suficiente para ser aplicado) (SUNDERLAND, 2018). Além disso, o Ministro do Interior legitima as medidas com um discurso que classifica migrantes e requerentes de asilo como criminosos, e conecta migrantes com a máfia e os traficantes de pessoas (ZAMPANO, 2018). No caso da Lega, radicaliza seu discurso populista público sobre migração, ao mesmo tempo em que o materializa a formulação de políticas como mostrado acima.

CONCLUSÃO

Como aponta Ruzza: “a trajetória recente da direita radical italiana e suas principais formações - FdL e LN - é marcada pela perda de relevância do partido de Berlusconi após as eleições de 2013 e pela expulsão de Berlusconi do Senado depois que ele foi considerado culpado de sonegação fiscal” (Ruzza, 2018: 508). Juntamente com a crise da decadência de Berlusconi, também deve ser levada em conta o processo de mudança de imagem da Lega sob a liderança de Salvini, a Lega tornou-se o principal partido de direita. Mesmo que atualmente a direita italiana tenha uma parcela menor dos votos do que na década de 1990, houve uma ruptura com a política liberal da Forza Italia e uma radicalização em direção a posições radicais de direita, nativistas e eurocéticas, com uma visibilidade crescente dos movimentos de base neofascistas e de colaboração com atores institucionais que constituem uma importante força auxiliar no terreno (DE GIORGI; TRONCONI, 2018).

Além disso, pode-se argumentar que o processo de realinhamento ainda está em andamento, e mais mudanças serão vistas no futuro à medida que o processo político em curso se desenrolar. Após as eleições europeias de 2019, a vitória marcante de Salvini (34%) nas eleições europeias, o “bloco” de direita se consolidou sob sua liderança. Até o colapso do Governo da Mudança no verão de 2019, a mensagem de Salvini deu voz a um bloco social que estava infundido com o medo e com a pobreza. A estratégia

de Salvini ocupou a mídia e construiu uma hegemonia política sobre a centro-direita e o 5SM, com uma agenda libertário-populista que misturava liberalismo com populismo nas políticas sociais, ou seja, enquanto tentava liberalizar a economia, ele forneceria o apoio à classe média e aos perdedores da globalização em meio à sua profusão de sua campanha de imigração. Agora vamos precisar esperar para ver o que acontece.

Na Itália, quanto ao *discurso público* sobre temas sensíveis para os populistas como a imigração, temos de considerar que a crise dos refugiados teve um impacto forte e concreto sobre o país, alimentando um discurso contra os imigrantes que está na base das posições da Lega (e, em parte, do M5S). A Lega defende uma visão claramente nativista que coloca o “italiano em primeiro lugar”, por mais que grande parte desse discurso público já estivesse presente antes do governo de coalizão, alimentado pelo surgimento de Salvini como líder da Lega. Em última análise, a Lega faz uso da imigração para entrar em conflito com a UE. Mantendo suas credenciais eurocéticas no governo, o objetivo da Lega é mudar as instituições europeias por dentro (JONES, 2018).

Finalmente, mesmo que na Itália, o populismo (direita radical) não está tentando mudar e controlar as instituições do país. No entanto, no relatório do índice Democracia 2018 da Unidade de Inteligência do Economista, é demonstrada uma queda do país da 21ª para a 33ª posição, uma vez que, como comentado, a Itália aparece caracterizada pelo “crescente apoio a ‘homens fortes’ que ignoram as instituições políticas” (The Local, 2019). Além disso, o uso da retórica antimigrantes/estrangeiros revela um desrespeito aos direitos civis e humanitários (THE LOCAL, 2019).

REFERÊNCIAS

- ADLER, K. Italy populist government pact: Candidate for prime minister named. *BBC*. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/news/world-europe-44197351>. Acesso em: 12 fev. 2022.
- BALDINI, G. *Extreme Right in Italy: An Overview*. [Online]. 2001. Disponível em: http://www.essex.ac.uk/ECPR/publications/eps/onlineissues/autumn2001/research_extreme.htm. Acesso em: 12 fev. 2022.

- BRESSANELLI, E.; CANDIA, M. Love, Convenience, or Respectability? Understanding the alliances of the Five Star Movement in the European Parliament. *Italian Political Science Review*, v. 49, n. 1, p. 25-48, 2019.
- CAIANI, M. Radical Right Cross-National Links and International Cooperation. In: RYDGREN, Jens (ed.). *The Oxford Handbook of the Radical Right*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 394-411.
- CAIANI, M. Organizzazioni di estrema destra e Internet nelle democrazie occidentali. *Destra Destre*, Feltrinelli, p. 48-61, 2018.
- CAIANI, M.; WAGEMAN, C. The Rise and the Fall of the Extreme Right in Europe: Towards an Explanation?, *Modern Italy*, v. 12, n. 3, p. 377-388, 2007.
- CAIANI, M.; CISAR, O. (ed.). *Radical Right Movement Parties in Europe*. Routledge: Abingdon, 2018.
- CAIANI, M.; KROEL, P. A Transnational Extreme Right? New Right-Wing Tactics and the Use of the Internet. *International Journal of Comparative and Applied Criminal Justice*, v. 39, n. 3, p.1-21, 2014.
- CAIANI, M.; PARENTI, Linda. *Web Nero: Organizzazioni di estrema destra ed Internet*. Bologna: Il Mulino, 2013.
- CAIANI, M.; WAGEMANN, C. Online Networks of the Italian and German Extreme-right: An Explorative Study with Social Network Analysis. *Information, Communication & Society*, v. 12, n. 1, p. 66-109, 2009.
- CAIANI, M.; DELLA PORTA, D.; WAGEMANN, C. *Mobilizing on the Extreme Right: Germany, Italy, and the United States*. Oxford: Oxford University press, 2012.
- CALDIRON G. *Il lessico Postfascista*. Rome: Manifestolibri, 2002.
- CALDIRON, G. *La destra plurale*. Roma: Manifestolibri, 2001.
- CARTER, E. *The Extreme Right in Western Europe: Success or Failure*. Manchester/New York: Manchester University Press, 2005.
- CASTELLI GATTINARA, P.; PIRRO, A. The Far Right as Social Movement. *European Societies*, v. 21, n. 4, p. 447-462, 2019.
- CASTELLI GATTINARA, P. The 'refugee crisis' in Italy as a crisis of legitimacy. *Contemporary Italian Politics*, v. 9, n. 3, p. 318-333, 2017.
- CASTELLI GATTINARA, P.; O'CONNOR, F.; LINDEKILDGE, L. Italy, No Country for Acting Alone? Lone Actor Radicalisation in the Neo-Fascist Milieu. *Perspectives on Terrorism*, v. 12, n. 6, p. 136-149, 2018.
- CHIARAMONTE, A.; EMANUELE, V.; MAGGINI, N.; PAPARO, A. Populist Success in a Hung Parliament: The 2018 General Election in Italy. *Southern European Society and Politics*, v.20, n. 4, p. 479-501, 2018.

- CORBETTA, P.; COLLOCA, P.; CAVAZZA, N.; ROCCATO, M. Lega and Five-star Movement voters: exploring the role of cultural, economic and political bewilderment. *Contemporary Italian Politics*, v.10, n. 3, p. 279-293, 2018.
- DI GIORGI, E.; TRONCONI, F. The center-right in a search for unity and the re-emergence of the neo-fascist right. *Contemporary Italian Politics*, v.10, n. 4, p. 330-345, 2018.
- DI TULLIO, D. *Centri Sociali di destra*. Roma: Castelvecchi, 2006.
- DIANI, M. Networks and social movements: a research programme. In: DIANI, M.; MCADAM, D. (ed.). *Social Movements and Networks: Relational Approaches to Collective Action*. New York: Oxford University Press, 2003. p. 299-318.
- FROIO, C.; CASTELLI GATTINARA, P. Neo-fascist Mobilization in Contemporary Italy. Ideology and Repertoire of Action of CasaPound Italia. *Journal for Deradicalization*, v. 2, 2015.
- GARZIA, D. The Italian election of 2018 and the first populist government of Western Europe. *West European Politics*, v. 42, n. 3, p.670-680, 2019.
- GNOSIS. Relazione sulla politica informativa e della sicurezza. *Rivista Italiana di intelligence*, May-August 2006.
- JONES, G. Italy's Salvini changes tack on EU in bid for center ground. Reuters, 2018. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-italy-politics-salvini/italys-salvini-changes-tack-on-eu-in-bid-for-center-ground-idUSKBN1OB224>. Acesso em: 12 fev. 2022.
- LOCH, D.; NOROCEL, O. C. The Populist Radical Right in Europe: a xenophobic voice in the global economic crisis. In: TRENZ, H.; RUZZA, C.; GUIRAUDON, Virginie. *Europe's Prolonged Crisis: The Making or the Unmaking of a Political Union*. London: Palgrave MacMillan, 2015.
- MUDDE, C. *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- PASQUINO, G. The State of The Italian Republic. *Contemporary Italian Politics*, v.11, n. 2, p. 195-204, 2019.
- PIRRO, A.; KESSEL, S. United in Opposition? The Populist Radical Right's EU-pessimism in times of Crisis. *Journal of European Integration*, v. 39, n. 4, p. 405-420, 2017.
- PIRRO, A. The Polyvalent Populism of the 5 Star Movement. *Journal of Contemporary European Studies*, v. 26, n. 4, p. 443-458, 2018.
- RUZZA, C. The Radical Right in Southern Europe. In: RYDGREN, J. *The Oxford Handbook of The Radical Right*. Oxford University Press: Oxford, 2018.
- RYDREN, J. *From tax populism to ethnic nationalism: Radical right-wing populism in Sweden*. Berghahn: New York, 2006.

RYDREN, J. The Sociology of the Radical Right. *Annual Review of Sociology*, v. 33, p. 241-262, 2007.

SPEAK, C. Italian government approves overhaul of welfare and pensions. *The Local*, 2019. Disponível em: <https://www.thelocal.it/20190118/italian-government-approves-overhaul-of-welfare-and-pensions>. Acesso em: 12 fev. 2022.

SUNDERLAND, J. New Law for Italian Migration Policies. Preventing Rescue at Sea, Punishing Survivors on Land. *Human Rights Watch*. 2018. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2018/09/26/new-low-italian-migration-policies>. Acesso em: 12 fev. 2022.

THE LOCAL. Italy's democracy ranking plummets due to far-right policies. 2019. Disponível em: <https://www.thelocal.it/20190109/italys-democracy-ranking-drops>. Acesso em: 12 fev. 2022.

ZAMPANO, G. Italian government adopts measures to narrow asylum rights. POLITICO, 2018. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/italy-government-adopts-hardline-asylum-rules/>. Acesso em: 12 fev. 2022.